

A música no contexto da teoria histórico-cultural de Vigotski

The music in the context of the historical-cultural theory of Vigotski

Eglieni Trevezani
Ailton Pereira Morila

Resumo: A arte existe na sociedade desde as primeiras civilizações. Dentre as diversas expressões artísticas, a música é uma das mais antigas e se destaca por seu caráter subjetivo e abstrato. Com o passar do tempo, ficou claro que a relação entre as pessoas e a música se tornou cada vez mais importante e inevitável, e diante disso, ressaltamos a importância de compreender o impacto da música no desenvolvimento humano e seu impacto na vida do sujeito, visualizando a música como um fenômeno psicológico e cultural. Para tanto, exploraremos o conceito de arte de Vigotski, então, apresentaremos a música, e utilizaremos como método uma revisão da literatura. O possível impacto sobre o tema abre caminho para o trabalho na formação continuada de professores. Nessa perspectiva, acreditamos que a música pode mudar o estado físico e mental do sujeito, possibilitando que ele supere seus sentimentos e mude seu mundo.

Palavras-chave: Arte; Música; Vigotski; Formação de Professores.

Abstract: Art exists in society since the first civilizations. Among the many artistic expressions, music is one of the oldest and stands out for its subjective and abstract character. Over time, it became clear that the relationship between people and music became increasingly important and inevitable, to this, we point out the importance of understanding music's impact on human development and its impact on people's lives, seeing music as a psychological and cultural phenomenon. Therefore, we will explore the concept of Vygotsky's, then, we will present music, and we will use as method a revision of literacy. The possible impact of the theme paves the way for the work in the continuing education of teachers. Under this perspective, we believe that music can change the physical state and mental of the human being, allowing him to get over your feelings and change your world.

Keywords: Art; music; Vigotski; teacher education.

Introdução

A arte existe na sociedade há séculos, em todas as culturas e diferentes civilizações. Entre as várias formas de expressão artística, a música, como uma das mais antigas, destaca-se pela sua subjetividade e abstração, e a comercialização da música penetrou profundamente em nossa vida. Todos esses desenvolvimentos tornaram a música cada vez mais uma fonte de pesquisa científica, pois está intrinsecamente ligada à vida e às relações sociais. Dessa forma, a música deve ser reconhecida não apenas como uma forma de expressão, mas como um fenômeno psicológico, emocional e



cultural que afeta o desenvolvimento humano. O presente trabalho pretende propor uma abordagem sobre a relação entre o homem e a música, analisar a influência da música sobre este tema, a partir de uma perspectiva histórica e cultural, através dos princípios psicológicos e estéticos da teoria, compreender a música como fundamental na formação do indivíduo por meio da formação continuada de professores. A partir dessa perspectiva sobre como a música chega às pessoas e escola, pode-se considerar a efetividade do trabalho de formação de professores, considerando o contexto, as vivências e emoções de cada sujeito.

A arte na perspectiva histórico-cultural

Em seus estudos, Vigotski se concentrou em compreender os processos psicológicos superiores e inferiores, que seriam as funções mais complexas de um ser humano. Ao contrário das funções orgânicas e elementares que estão presentes desde o nascimento de um indivíduo, como as ações reflexivas ou involuntárias, as funções psíquicas superiores incluem o controle consciente do comportamento e são estruturadas com base na relação da pessoa com o mundo, com o meio ambiente e com as coisas. Em suma, o ser humano se constitui por meio da internalização das relações sociais e da apropriação cultural. Como nos diz Zanella (1999, p. 153):

Todo indivíduo enquanto ser social insere-se, desde o momento em que nasce, em um contexto cultural, apropriando-se dele e modificando-o ativamente, ao mesmo tempo em que é por ele modificado.” O que aqui denominamos "apropriação" aproxima-se do conceito de "internalização", utilizado por VIGOTSKI para indicar o movimento de “reconstrução interna de uma operação externa”, movimento pelo qual as funções psicológicas superiores, originariamente partilhadas, singularizam-se pelo sujeito, medida em que este passa a utilizar os signos como elementos reguladores de suas ações.

Segundo Vigotski (1999), percepção, criação, imaginação e emoção são entendidas como funções psicológicas superordenadas que estão dialeticamente ligadas ao conceito de arte para haver uma compreensão da arte na totalidade. Também deve ser tratado como consequência de um fenômeno psicológico que se dá a partir da atividade humana na cultura,



atividade que desenvolve e objetiva funções, deixando de ser apenas biológica (BARROCO; SUPERTI, 2014).

Vigotski (2009) divide a atividade humana em dois tipos: atividade reprodutora e atividade criadora. Segundo Gonçalves (2017), o primeiro tipo de atividade apenas reproduz ou repete algo que já existe sem a possibilidade de criar. Essa atividade estaria muito mais relacionada à memória. No segundo tipo de atividade, também chamada combinatória, o retrabalho ocorre em decorrência da necessidade de adaptação ou superação de desafios decorrentes da instabilidade do ambiente que a pessoa vive. Essa instabilidade permite criar imagens ou ações, externas ou internas, a partir da combinação de elementos existentes e conhecidos com os que surgem. A atividade criativa faz, portanto, parte da natureza humana e é de primordial importância para que uma pessoa possa construir e modificar seu presente e, assim, sobreviver aos conflitos que surgiram.

A perspectiva histórico-cultural de Vigotski conecta atividade criativa com imaginação ou fantasia, graças à sua capacidade de combinar no cérebro. Aqui é importante entender que imaginação ou fantasia não se define como algo irreal ou ilusório, carente de significado sério. De acordo com Vigotski (2009, p. 15): “A imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica”.

Nessa perspectiva, Barroco e Superti (2014, p. 23) concordam que a produção artística está totalmente relacionada à vida e que os conteúdos da arte são captados e processados a partir da realidade, em suas palavras: “Uma obra de arte não é constituída por uma cópia da realidade objetiva, mas em algo novo, fruto da atividade criativa, que se torna um produto cultural”.

No entanto, entende-se que a atividade criativa só é possível com a ajuda da imaginação, sendo uma função psicológica superior, não se distancia da realidade, pelo contrário, é justamente das experiências no mundo e através da percepção de objetos reais que temos, é possível imaginar e criar. Assim, a atividade criativa não se limita a um grupo ou a uma determinada classe, mas



faz parte da constituição de todos os seres humanos, que estão inseridos na cultura.

A criação não é privilégio de grandes gênios renomados que criaram grandes obras, mas de todos que imaginam, combinam e criam. Ao considerar a existência do imaginário coletivo, Vigotski (2009) também esclarece que essas criações individuais, anônimas, desconhecidas e consideradas pequenas servem de base para muito do que foi criado pela humanidade.

Vigotski (2009) parte do entendimento de que não há oposição, mas sim uma relação entre imaginação e realidade e divide essa relação em quatro vias.

A primeira, como já dito, baseia-se na ideia de que a imaginação vem de elementos extraídos da realidade e de experiências vividas anteriormente, de modo que a imaginação não vem do nada, mas faz parte da realidade humana.

O segundo, parte da ideia de que as experiências não são necessariamente vivenciadas em um caso específico. Graças à capacidade de imaginação de uma pessoa, é possível internalizar as experiências dos outros e, assim, possibilitar o enriquecimento das experiências individuais.

O terceiro elo refere-se ao caráter emocional, no qual as emoções podem ter suas representações em imagens, impressões ou ideias, conforme o humor em que nos encontramos no momento. Nesse caso, os sentimentos influenciam a imaginação, como afirma Vigotski (2009, p. 26):

As imagens e as fantasias propiciam uma linguagem interior para o nosso sentimento. O sentimento seleciona elementos isolados da realidade, combinando-os numa relação que se determinainternamente pelo nosso ânimo, e não externamente, conforme a lógica das imagens.

Ainda nesta terceira conexão, imaginação e emoção criam uma relação inversa onde a imaginação influencia os sentimentos. Nesse caso, qualquer construção fantasiosa evoca um certo tipo de sentimento, como afirma Cruz (2015, p. 366): “O produto da imaginação pode não coincidir com a realidade, mas consegue despertar emoções e sentimentos reais”.



A quarta e última relação entre imaginação e realidade baseia-se na ideia de que o produto da construção da fantasia pode ser algo completamente novo e que não corresponde a nenhum objeto existente no mundo real, mas quando essa imaginação é exteriorizada e objetivada, torna-se real e consegue modificar a realidade.

Em suas reflexões sobre a emoção como função psicológica superior, Vigotski (2004) entende que seu desenvolvimento não é causado apenas por fatores biológicos e orgânicos, mas também históricos e culturais. Com base nesses pressupostos, Leite, Silva e Tuleski (2013) confirmam que as reações fisiológicas, decorrentes do comportamento instintivo induzido por estímulos externos, passam por um processo de mudanças que levam a pessoa a adquirir características diferenciadas de acordo com sua relação com o meio.

Assim, embora uma pessoa apresente reações emocionais de forma orgânica e instintiva ao se relacionar com uma cultura, entendemos a existência da antecipação de um modo de sentir cultural e social. Desse modo, pode-se dizer que no processo de construção social, as emoções orgânicas são transformadas em emoções mais elaboradas, como as emoções evocadas pela arte, que adquirem uma perspectiva diferente de outras emoções abordadas por Vigotski (1999), em seu livro intitulado “A Psicologia da Arte.”

Para Vigotski (1999), as emoções estéticas (evocadas pela arte) não podem ser confundidas com as emoções comuns. O autor afirma que a característica distintiva de uma emoção estética é a preservação de sua expressão externa, mesmo que mantenha um poder excepcional. Vigotski também enfatiza que: “A arte, a emoção central, é uma emoção que se resolve principalmente no córtex cerebral” (Vigotski, 1999, p. 267). O autor considera as emoções associadas à arte como emoções inteligentes que não se manifestam de forma rígida, sua solução são principalmente imagens de fantasia.

As emoções estéticas são assim posicionadas como emoções que não evocam reações motoras imediatas, mas que se manifestam em relação a outras funções superiores, especialmente a imaginação. Segundo Vigotski (1999), essas emoções são complexas e contraditórias devido à oposição entre



a forma e o material da arte. Sobre forma e material, Vigotski (1999, p. 177) destaca:

Devemos entender por material tudo o que o poeta usou como já pronto – relações do dia-a-dia, histórias, casos, o ambiente, os caracteres, tudo o que existia antes da narração e pode existir fora e independentemente dela, caso alguém narre usando suas próprias palavras para reproduzi-lo de modo inteligível e coerente. Devemos denominar forma da obra a disposição desse material segundo as leis da construção artística no sentido exato do termo.

17

Assim, entende-se a importância que a forma exerce sobre o material para elaborar e superar suas qualidades básicas. Em outras palavras, a forma parte do óbvio na arte e a ressignifica. Vigotski (1999) chama essa superação de resposta estética, a qual é basicamente a superação da contradição da própria obra. O autor aproxima essa resposta estética à ideia de catarse, traduzida em uma transformação de sentimentos:

Supomos que nenhum outro termo, dentre os empregados até agora na psicologia, traduz com tanta plenitude e clareza o fato, central para a reação estética, de que as emoções angustiantes e desagradáveis são submetidas a certa descarga, à sua destruição e transformação em contrários, e de que a reação estética como tal se reduz, no fundo, a essa catarse, ou seja, à complexa transformação dos sentimentos (Vigotski, 1999, p. 270).

O efeito de uma obra de arte se reflete na catarse, na capacidade de modificar sentimentos. Portanto, como afirmam Barroco e Superti (2014), a Psicologia da Arte visa analisar não apenas a estrutura da obra, mas também as funções psicológicas superiores que se transformam quando influenciadas por ela, certificando assim as reações estéticas no psiquismo. Nesse processo, a criação no sentido apresentado anteriormente torna-se muito importante, pois não basta experimentar o sentimento do autor da arte ou compreender a obra de arte em si. Vigotski (1999, p. 314) acrescenta que: “Ainda é preciso superar criativamente o próprio sentimento, encontrar a catarse, e só então o efeito da arte se manifestará em sua plenitude”.

É possível concluir que é no processo de criação que os elementos da arte são percebidos e combinados pela imaginação, despertando emoções que serão superadas, transformadas e organizadas pela catarse. Assim, a arte



consegue mudar a psique e o estado físico do sujeito, que, ao ser influenciado por ela, salta para uma emoção estética, alcança uma transformação de si e a criação de novos significados para o mundo. A arte ainda proporciona uma extensão dos sentimentos e os torna sociais. Nas palavras de Vigotski (1999, p.315): “A arte é uma técnica social do sentir, um instrumento da sociedade, por meio do qual ela incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais de nosso ser”. Por isso, por meio da arte, a pessoa tem a oportunidade de superar a “vida comum”, pode objetivar, expressar e materializar sentimentos, possibilita sua socialização e abre caminho para um possível trabalho pedagógico/cognitivo.

Vigotski (1991) nos fala que o desenvolvimento das capacidades humanas é feito através das mediações e interações estabelecidas entre os seres humanos ao longo da história da humanidade. A mediação social mostra que os processos intersíquicos, aqueles sendo partilhados entre pessoas, são internalizados e transformam-se em processos intrapsíquicos. Sendo assim, o ser humano não nasce com seu desenvolvimento predeterminado. Suas possibilidades são amplas, tudo dependerá do ambiente inserido e dos estímulos que receberá para o seu desenvolvimento. Para exemplificar de maneira clara esse pensamento, podemos imaginar a seguinte situação: se trancarmos uma criança em um quarto escuro, entrando apenas para alimentá-la durante toda a sua infância, ela não desenvolverá as características tipicamente humanas, pois diferente dos animais que nascem com instintos, os homens são seres sociais que aprendem seu comportamento através dos grupos. Segundo Vigotski (1991), o desenvolvimento de funções psíquicas está em estreita relação com as condições histórico-culturais nas quais o sujeito está inserido. De tal forma, os professores podem agir como mediadores dessa aprendizagem ao fornecerem estímulos e oportunizar momentos para que a mesma desenvolva sua autoconfiança:

As crianças são extremamente ativas, por meio de movimento, experimenta suas possibilidades e seus limites motores. A música pode caracterizar por trabalhar a criança em seus movimentos mais amplos, com os quais é estimulada a compreender progressivamente seu corpo, podendo afirmar-se



e obter a autoconfiança necessária à sua autonomia e um grande potencial de criatividade. (Goés, 2009, p.4-5)

A escola deve buscar diferentes formas do aluno se relacionar com a música para que o mesmo consiga atingir seu desenvolvimento integral como ser humano.

Percebemos, portanto, as conexões existentes entre o desenvolvimento cognitivo e linguístico, a interação social e as relações com a aprendizagem musical da criança. No entanto, essa nova realidade social na qual a música é reconhecida e vista como uma das várias linguagens que a Arte possui, enfrentará algumas dificuldades para ser exercida integral e com qualidade.

Neste cenário, a formação musical e pedagógico-musical de professores da Educação Básica são uma temática frequentemente abordada por vários pesquisadores no Brasil que apontam para a necessidade de que a educação musical seja uma área a ser potencializada na formação de professores, para que, através da reflexão crítica e de vivências musicais, os professores possam agir e pensar musicalmente em seus contextos de docência.

Formação de professores e a Música

Se partirmos da conceituação de arte de Vigotski e pensarmos na possibilidade e na necessidade da formação continuada de professores, é possível alcançar uma grande aproximação entre a teoria histórico-cultural e a música. A educação musical é um importante componente do conhecimento nos processos que contribuem para o desenvolvimento humano. Portanto, essa deve ser uma área de conhecimento que precisa ser abordada nas escolas nas atividades cotidianas dos professores introduzidos na estrutura educacional.

Freire (1996, p.12) destaca em seu livro a Pedagogia da Autonomia que “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, e destaca que a formação “deve ser permanente”. Todo professor, assim como o aluno é transformado entre o ato de ensinar e aprender e que ambos estão interligados. Portanto, a transformação está diretamente ligada à concepção histórico-cultural, ou seja,



o lugar que você está inserido, mediatiza suas escolhas e a escola tem um papel importante.

A presença da música na vida cotidiana é verdadeiramente indiscutível. No entanto, como o homem a aborda sofreu grandes mudanças na cultura desde os povos antigos até os tempos modernos. Hoje em dia, a música é ouvida, tocada, ensinada e até vendida. No entanto, é importante pensar em suas peculiaridades e como elas possibilitam a relação do homem com o mundo. Como visto em Barroco e Superti (2014), a produção artística está totalmente ligada à vida e, quando concebemos a música como expressão artística, concebemos também sua dimensão vital

Contudo, existem pesquisas e ofertas de cursos de formação continuada para professores sobre o ensino da música e suas ramificações, tentando assim, amenizar a falta ou a carência na formação inicial. Para tal, como ressalta Bellochio (2000, p.72) “Creio que essa situação se agrava principalmente pelo fato de não ser clara a significação da área junto aos processos escolares que potencializam a escolarização.” O conceito de música se perde em meio aos inúmeros documentos norteadores. Muitos professores entendem a música em um contexto interdisciplinar e não na sua essência de contribuição para a formação integral do aluno.

Saviani (2000), sobre o ensino de música e a educação integral, em um texto base para exposição feita na Mesa Redonda “Currículo e Sociedade” no IX Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM, destaca que:

Se o sentido da educação se liga ao processo de produção da existência pelos próprios homens enquanto seres que necessitam aprender a se produzir a si mesmos, vê-se que educação não é outra coisa senão a promoção do homem. (Saviani, 2000)

Para esse diálogo, a contribuição de Vigotski (2001, p. 41), que acreditava em uma psicologia pedagógica e defendeu que “[...] o processo de educação é um processo psicológico, o conhecimento dos fundamentos gerais da psicologia ajuda, naturalmente, a realizar essa tarefa de forma científica.



Assim, nos mostra que psicologia e educação caminham lado a lado, as contribuições de seus estudos para a educação são evidentes.

Todos os nossos atos são precedidos inexoravelmente de alguma causa que os provoca, sob a forma de fato, acontecimento externo, desejo, impulso ou ideia interna. Todos os motivos de nossos atos estimulam [excitam] nossas reações. Portanto, a reação deve ser entendida como uma inter-relação entre o organismo e seu meio circundante. A reação sempre é uma resposta do organismo a determinadas modificações do meio e representa um mecanismo de adaptação sumamente valioso e biologicamente útil. (Vigotski, 2001, p. 47)

É necessário estimular e criar reações em nossos alunos para que eles possam vivenciar novas experiências e assim, ter autonomia para fazerem suas escolhas. As experiências musicais que ocorrem na sala de aula, são experiências que se manifestam conforme as vivências e o contexto histórico-cultural de cada aluno.

Portanto, um padrão de experiência não pode ser estabelecido. A forte noção de que a música não está relacionada ao contexto pode comprometer mais do que promover a compreensão do fenômeno musical. Voltamos assim a considerar a música como uma atividade criativa, parte indissociável da cultura. Portanto, para trabalhar uma formação docente efetiva, é preciso considerar os sentidos e significados que o aluno atribui à música em seu contexto histórico-cultural.

A música é uma ferramenta para a transformação das pessoas, desperta mais atenção em seu processo de sentir os sentimentos dos outros. Desta forma, pensamento e sentimento estão relacionados. O aluno deve ter a oportunidade de ter sua visão de mundo, testar suas ideias e trocá-las com outras pessoas. Nesse sentido, o papel da música, como uma de suas linguagens, torna-se obrigatório.

Para tal, Bellochio (2000, p 111), de acordo com esta posição, afirma que a produção de instrumentos com sucatas podem se tornar ferramentas metodológicas e até mesmos necessários para o ensino.

Ainda, se o objetivo é trabalhar com Música na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, parece-me que o domínio de um amplo repertório de músicas infantis por



parte dos professores e de construção de instrumentos e jogos musicais com sucata, também garantiria os instrumentos e ferramentas metodológicas necessárias a um bom ensino.

Ressalta-se que o ensino da música vai além da produção destes instrumentos, a música tem um papel de contribuir para o desenvolvimento humano. Somos por natureza seres movidos por sons e estímulos.

Muitas vezes, ao enfatizar esses aspectos no ensino de música, os professores deixam de lado sendo o princípio básico dessa área, ou seja, a produção de sons, a manipulação e o trabalho de criação, teste e criação de sons eficazes e diversos.

A música não pode ser mantida apenas nas comunidades que a entendem, ela deve ser compartilhada visando aprimorar a crítica da música que chega aos nossos ouvidos através da mídia, entendemos o propósito que ela está tentando alcançar.

Bellochio (2000, p. 111), ressalta que o professor dominar técnicas musicais, não assegura que ele as use como prática educativa:

O que parece ficar evidente é o que se espera da ação do professor: uma prática educativa instrumental que visa a resolver os problemas do ensino pelo domínio de técnicas dos saberes relacionados a tal prática.

A compreensão do conceito que corresponde à natureza do lugar, ou melhor, que a Música é significativa, não será secundária à proposta de ensino da Música. A partir da relação entre a criança e a Música, sons e silêncio se combinam de diferentes maneiras, é possível estabelecer uma comunicação efetiva entre eles, então o nível educacional de falar sobre música não se reduz apenas ao aspecto teórico, será relacionado ao som e seus diversos tipos de reação.

Qualquer reação, tomada em sua forma mais primitiva nos organismos elementares ou na mais complexa do ato humano consciente, sempre inclui três componentes fundamentais. O primeiro deles é a percepção, por parte do organismo, das excitações originadas no meio externo. Esse momento é denominado convencionalmente sensorial. Depois vem o segundo componente, o da elaboração dessa excitação nos processos internos do organismo, estimulados pelo impulso à atividade. Por último, o terceiro componente é a ação de resposta do organismo resultante de seus processos internos,



geralmente sob a forma de movimento. Esse terceiro componente é chamado de *motor*, enquanto o segundo, relacionado aos animais superiores e ao ser humano - nos quais está vinculado ao funcionamento do sistema nervoso central-, será chamado de *central*. Esses três componentes, o sensorial, o central e o motor, a percepção da excitação, sua elaboração [processamento] e a ação de resposta - estão presentes necessariamente em todo ato de reação. (Vigotski, 2001)

Se concebemos a música como uma atividade criativa, rejeitamos de antemão a ideia de que a resposta estética evocada pela música é limitada apenas àqueles que têm algum talento ou aptidão, pois a música é uma produção humana. O professor tem um importante papel nesta atividade criativa e cultural. A ação pedagógica é importante e pode-se dar por meio da formação continuada. O termo educação continuada é amplamente utilizado, referem-se às atividades educativas de professores que atuam em diferentes áreas da educação para se envolver a fim de melhorar sua prática pedagógica tanto quanto possível diferentes contextos de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, as áreas do conhecimento refletiram e implementaram ações que contribuam para a qualidade da educação, em especial para a prática profissional de professores que atuam na educação básica, contexto muito amplo e variado no qual a educação continuada é um tema que pode estudar a partir de muitas perspectivas.

As possibilidades perante uma aula são diversas e a ação pedagógica são decisivas. Portanto, a educação integral de uma pessoa, que deve abranger todo o período da educação básica desde o nascimento, com creches, passa pela primeira infância, ensino fundamental e termina com a conclusão do ensino médio por volta dos dezessete anos, é o caráter da educação. Assim, Saviani (2000, p. 40) destaca:

Abre-se aqui todo um campo para a educação artística que, portanto, deve integrar o currículo das escolas. E, nesse âmbito, sobrepõe, em meu entender, a educação musical. Com efeito, a música é um tipo de arte com imenso potencial educativo já que, a par de manifestação estética por excelência, explicitamente ela se vincula a conhecimentos científicos ligados à física e à matemática além de exigir habilidade motora e destreza manual que a colocam, sem dúvida, como um dos recursos mais eficazes na direção de uma educação



voltada para o objetivo de se atingir o desenvolvimento integral do ser humano.

Segundo Saviani (2000), “a educação musical deverá ter um lugar próprio no currículo escolar.” Por meio desse mecanismo, os alunos podem ter contato com o desenvolvimento da arte em seu processo formativo, neste caso com a música, tendo acesso a programas regulares de música, superando assim a música como fonte de recreação e entretenimento, infelizmente ainda muito frequente no campo da educação musical, pois é ensinada em larga escala em parte das escolas públicas do nosso país.

Considerações finais

Considerando a quase onipresença da música na sociedade e a relação que os humanos desenvolveram com a música desde as primeiras civilizações, não se pode negar que ela teve um grande impacto em todos os aspectos da construção humana. Do ponto de vista histórico-cultural, a música como obra de arte provou ser parte da atividade humana, portanto, é mais do que uma simples fonte de recreação ou entretenimento. Como arte, a música desenvolve funções psicológicas superiores, pois quando somos tocados por ela, percebemos, imaginamos e geramos emoções, superamos a vida mundana e materializamos sentimentos para transformá-los.

O impacto causado pela música leva o sujeito a criar e despertar emoções, e o professor pode trabalhar com os alunos os sentimentos evocados.

Em todos esses aspectos apresentados, ressaltamos a importância de pensar a música como um fenômeno psicológico e cultural, pois como somos tocados pela música que toca está relacionada à forma como nós mesmos combinamos os sons que percebemos e os significados e sentidos que lhes damos, de todo o contexto histórico-cultural que nos cerca.

Referências



BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T. **Vigotski e o estudo da psicologia da arte:** contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia e Sociedade*, Maringá, p.22-31, 2014.

BELLOCHIO, C. **A educação musical nas séries iniciais do ensino fundamental: olhando e construindo junto às práticas cotidianas do professor.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2000.

CRUZ, M. N. da. **Imaginário, imaginação e relações sociais:** reflexões sobre a imaginação como sistema psicológico. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 35, p. 361-374, 2015. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622015000400361&lng=en&nrm=iso

SAVIANI, D. A Educação Musical no Contexto da Relação entre Currículo e Sociedade. **Revista Histedbr on-line** - v. Setembro/2000, n. 1, Faculdade de Educação, 2000.

FREIRE, P. (1996). **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. Digitalização em 2002. Brasil: Paz e Terra.1996.

FREIRE, V. B. **Música e sociedade:** Uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino Superior de música. 2. ed. rev. e a um. Florianópolis: Associação Brasileira de Educação Musical, 2010.

GONÇALVES, A. C. A. B. **Educação musical na perspectiva histórico-cultural de Vigotski:** a unidade educação-música. 2017. 277 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

GÓES, R.S. A Música e suas possibilidades no desenvolvimento da criança e o aprimoramento do código linguístico. **Revista da UCEAD**, Florianópolis, Vol. 2, n. 1, p. 27 – 43, 2009. Disponível em: < <http://www.revistas.udesc.br/index.php/udescvirtual/article/view/1932/1504> > Acesso em 20 de jun. 2021.

LEITE, H. A.; SILVA, R. da; TULESKI, S. C. A emoção como função superior. *Interfaces da Educação*, **Paranaíba**, v. 3, n. 7, p.37-48, 2013.

Rodrigues, VG; Santana, LKA. A música que toca: um olhar da teoria histórico-cultural de Vigotski sobre os impactos da música no sujeito. *Revista Mosaico* - 2019 Jul/Dez.; 10 (2): 66-72. Acesso: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1953/1260>

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica:** Edição comentada. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VIGOTSKI, L.S. **A formação Social da Mente:** O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: Ensaio psicológico: livro para professores. 1°. ed. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, L.S. **Teoria de las emociones**: estudio histórico-psicológico. Madri:Ediciones Akal, 2004

ZANELLA, A. V. Aprendendo a tecer a renda que o tece: apropriação da atividade e constituição do sujeito na perspectiva histórico-cultural. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, p.145-158, 1999.

Sobre os Autores

Eglieni Trevezani

eglienitrevezani@hotmail.com

Mestranda em Ensino da Educação Básica pelo Centro Universitário Norte Capixaba CEUNES, formação em Geografia pela FUNCAB (Fundação Castelo Branco - Colatina, ES). Especialista em Educação Infantil, Gestão Escolar e Docência do Ensino Superior. Professora efetiva na educação básica no município de São Domingos do Norte-ES.

Ailton Pereira Morila

apmorila@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5080-3819>

apmorila@gmail.com Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Atualmente é professor associado do Departamento de Educação e Ciências Humanas do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador do Prometheus – Núcleo de Estudos Críticos (UFES). Professor permanente do Programa de pós-graduação em Ensino na Educação Básica do CEUNES-UFES.

